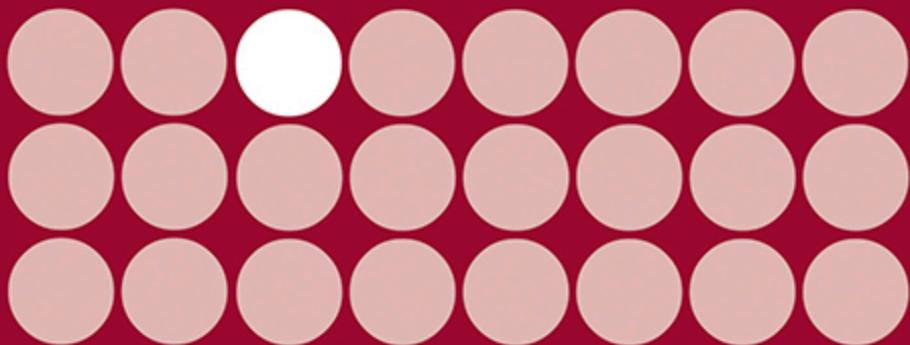


Levítico

Introdução
e comentário

R. K. Harrison



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

CONT E Ú D O

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	6
PREFÁCIO GERAL	7
PREFÁCIO DO AUTOR	9
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	10
INTRODUÇÃO	11
O Título do Livro	11
A Natureza de Levítico	11
Autoria e Data	13
A Unidade de Levítico	22
O Propósito do Livro	23
A Teologia de Levítico	27
Levítico e o Novo Testamento	29
O Texto Hebraico	31
ANÁLISE	32
Os Sacrifícios de Levítico	34
COMENTÁRIO	35
Planta Provável do Tabernáculo	42
As Festas de Levítico 23 e outros Calendários do Antigo Testamento	198
APÊNDICE A: Levítico 13	222
APÊNDICE B: O Sexo e a Sua Teologia	228

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas palavras. A série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V.T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto veterotestamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO GERAL

O alvo desta série de *Comentários "Tyndale" do Antigo Testamento*, assim como foi o caso dos volumes-companheiros do Novo Testamento, é equipar o estudante da Bíblia com um comentário conveniente e atualizado sobre cada Livro, ressaltando-se em primeiro lugar a exegese. As questões críticas de maior importância se discutem nas introduções e notas adicionais, mas detalhes técnicos desnecessários foram evitados.

Nesta série, os autores individuais estão, naturalmente, livres para fazer suas próprias contribuições distintas e para expressar seu próprio ponto de vista acerca de todas as questões debatidas. Dentro dos necessários limites do espaço, frequentemente chamam a atenção a interpretações que eles mesmos não sustentam mas que representam as conclusões declaradas de irmãos cristãos sinceros.

No Antigo Testamento, especialmente, nenhuma tradução é suficiente, por si mesma, para refletir o texto original. Os autores destes comentários, portanto, citam livremente várias versões, ou oferecem sua própria tradução, na tentativa de tornar significantes em nossos dias as passagens ou palavras mais difíceis. Quando há necessidade, palavras do Texto Massorético hebraico (e aramaico) que subjazem estes estudos são transliteradas. Desta maneira, o leitor que talvez não tenha familiaridade com as línguas semíticas, será ajudado a identificar a palavra sob discussão, podendo, assim acompanhar o argumento. A cada passo nestes comentários, pressupõe-se que o leitor tenha à mão uma boa versão da Bíblia em português, ou até mais.

O livro de Levítico, muito prezado por nossos amigos judaicos por sua ênfase na santidade distintiva a ser demonstrada pelo povo de Deus, tem sido por demais frequentemente negligenciado pelos cristãos, a não ser em se tratando dalguns temas ou incidentes selecionados. O Professor Harrison enfatiza o propósito e o significado dos vários sacrifícios e rituais, bem como seu relacionamento com o Novo Testamento, que, semelhantemente, desafia o leitor a viver uma vida de santidade. O autor trabalhou muito para tornar o livro, como um todo, claro na sua situação histórica original, e relevante para nós hoje.

Há sinais de um interesse renovado e contínuo no significado e na mensagem do Antigo Testamento, e espera-se que esta série venha a promover o estudo sistemático da revelação de Deus, da Sua vontade e dos Seus caminhos conforme se vêem nestes registros. É a oração do editor e da editora, como também dos autores, que estes volumes ajudem muitas pessoas a compreenderem a Palavra de Deus e a corresponderem a ela hoje.

D. J. Wiseman

PREFÁCIO DO AUTOR

Levítico é um livro lido por demais infreqüentemente pelo estudante bíblico cristão. Sendo uma obra sacerdotal um pouco técnica, que trata em grande medida dos rituais e dos sacrifícios da antiga aliança, imagina-se comumente que ele tem pouca relevância para aqueles que vivem na era da graça.

Um estudo mais pormenorizado de Levítico, no entanto, fornece ao leitor compreensões do caráter e da vontade de Deus, especialmente na questão da santidade. Entre as nações pagãs do Oriente Próximo, a santidade era um estado de consagração ao serviço de uma divindade, e freqüentemente envolvia a prática de ritos imorais. Para os hebreus, ser santo como Deus é santo requeria um estreito relacionamento de obediência e fé, e uma manifestação na vida diária das altas qualidades morais e espirituais que caracterizam a natureza de Deus conforme ela é revelada na Lei. Este mesmo tipo de santidade é exigido também de todo crente em Jesus Cristo.

Levítico é, portanto, um livro de espiritualidade altaneira, a qual, mediante os vários rituais sacrificiais, aponta o leitor de modo inerrante à morte expiadora de Jesus, nosso grande Sumo Sacerdote. Um escritor eminente do século XIX certa vez descreveu Levítico, bem corretamente, como sendo a sementeira da teologia do Novo Testamento, pois neste livro pode ser achada a base da fé e doutrina cristãs. A Epístola aos Hebreus faz uma exposição de Levítico em conexão com isto, e, portanto, merece estudo cuidadoso por seu próprio direito, visto que, no conceito do presente escritor, é preeminente como comentário sobre Levítico.

Desejo expressar minha gratidão sincera para com todos aqueles que me ajudaram na produção deste livro, e especialmente para com o Professor D. J. Wiseman por sua orientação geral e pela sua cortesia que nunca faltou.

R. K. HARRISON
Wycliffe College
University of Toronto

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

AV	Versão “King James” (Autorizada), 1611.
Heb.	Hebraico
<i>HIOT</i>	R. K. Harrison, <i>Introduction to the Old Testament</i> , 1969.
<i>IDB</i>	“Interpreter’s Dictionary of the Bible,” 4 volumes, 1962.
JB	“The Jerusalem Bible,” 1966.
LXX mg.	A Septuaginta, Versão Grega do Antigo Testamento margem.
<i>NDB</i>	Novo Dicionário da Bíblia, (Edições Vida Nova, 1966).
NEB	“The New English Bible”
NIV	“The New International Version” da Bíblia.
RV	“The Revised Version”, 1881, da Bíblia.
TM	Texto Massorético.
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i> .
<i>ZPEB</i>	<i>The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible</i> , 5 volumes, 1975.

INTRODUÇÃO

O TÍTULO DO LIVRO

Na Bíblia Hebraica, o livro de Levítico é o terceiro dos cinco livros da Lei, ou Torá, cuja autoria era atribuída a Moisés pela tradição hebraica antiga. A palavra inicial do livro, *wayyiqra*, “e Ele chamou,” foi usada como título pelos judeus, que também descreviam Levítico por designações tais como “a lei dos sacerdotes,” “o livro dos sacerdotes,” e “a lei das ofertas.” Estas últimas designações caracterizavam o conteúdo geral do livro, reconhecendo-o como uma obra principalmente escrita para o sacerdócio hebraico.

A versão grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, chamava o livro de *Leuitikon* ou *Leueitikon*, i.é., “a respeito dos levitas.” A Vulgata, uma revisão da versão latina antiga, traduziu o título grego pela frase *Liber Leviticus*, da qual derivou o título na Bíblia em português. Embora o livro se ocupe muito mais com os deveres dos sacerdotes do que com os dos levitas, o título em português não deixa de ser apropriado, visto que o sacerdócio hebraico era essencialmente levítico no seu caráter (cf. Hb 7:11).

A NATUREZA DE LEVÍTICO

Visto que Levítico é basicamente um manual de regulamentos e procedimentos sacerdotais, é natural que apenas o elemento puramente histórico fosse subordinado a considerações rituais e legais. Mesmo assim, há narrativas históricas entretecidas com seções de leis e instruções acerca de procedimentos sacrificiais de tal maneira que fica claro que Levítico tem estreita conexão histórica com Êxodo e Números. Por razões puramente de estilo, Levítico está ligado com Êxodo 20 – 40, e a associação é demonstrada no texto hebraico mediante as palavras iniciais de Levítico, cuja primeiríssima consoante é um “vav consecutivo,” que indica uma conexão direta com o que imediatamente o precedeu,

LEVÍTICO

i.é, Êxodo 40:38.

Levítico desenvolve questões que dizem respeito ao ordenar do culto no santuário divino que apenas são mencionadas de modo breve em Êxodo. Ao passo que este último descreveu as especificações e a construção do tabernáculo, Levítico narra a maneira segundo a qual os sacerdotes devem cuidar do santuário e sala do trono do Grande Rei. A obra é um tratado jurídico fundamentalmente importante porque contém os regulamentos mediante os quais a vida religiosa e civil da nação hebraica devia ser governada uma vez que a terra de Canaã fosse ocupada.

No Monte Sinai, onde a legislação contida em Levítico foi revelada por Deus a Moisés, as tribos de Israel tinham entrado num relacionamento especial com Deus que, pela sua própria estrutura, tinha todas as marcas de um tratado de vassalagem do segundo milênio a.C. Semelhantes acordos eram feitos entre um grande rei e uma nação menor com a qual o rei desejava entrar num relacionamento político. Tratados internacionais deste tipo eram redigidos conforme um padrão tradicional, e quando as estipulações eram aceitas pelo vassalo, uma ratificação pelas duas partes era realizada na presença dos seus deuses nacionais, que agiam como “testemunhas.” A aliança do Sinai com suas estipulações associadas é registrada em Êxodo 20:1 – 23:33, e foi aumentada grandemente quanto ao conteúdo pelo acréscimo de matéria jurídica e outra matéria correlata para formar o livro de Deuteronômio, que, em efeito, é um documento de renovação da aliança. Levítico difere tanto de Êxodo e Deuteronômio, no entanto, por conter regulamentos técnicos que os sacerdotes deviam aplicar à realização do culto e à orientação da vida comunitária em Israel.

Levítico é um manual de referência, bem organizado, para o sacerdócio do Antigo Testamento, e consiste em duas divisões ou temas principais que têm como eixo o capítulo dezesseis, que trata dos regulamentos que regem o dia anual da expiação. Os quinze primeiros capítulos tratam de modo geral com princípios e procedimentos sacrificiais que dizem respeito à remoção do pecado e a restauração das pessoas à comunhão com Deus. Os onze últimos capítulos enfatizam a ética, a moral e a santidade. O tema unificador do livro é a ênfase insistente sobre a santidade de Deus, juntada com a exigência de que os israelitas exemplifiquem este atributo espiritual nas suas próprias vidas. O material é sacerdotal no seu conteúdo, e, portanto, trata das obrigações dos israelitas segundo a aliança, num nível que não é achado noutras partes do Pentateuco. Os regulamentos e procedimentos ligados com a observância do

dia da expiação são uma ilustração desta tendência.

À primeira vista, o livro de Levítico talvez pareça apresentar uma disposição aleatória e até mesmo repetitiva de estatutos que envolviam a vida futura do povo israelita em Canaã. Um exame mais apurado revelará, no entanto, que bem à parte da divisão da obra em dois temas básicos, muitos dos capítulos têm sua própria estrutura literária. Exemplos disto podem ser vistos na matéria que segue o padrão de uma tábua mesopotâmica, com seu título, conteúdo textual e colofão, como em Levítico 1:3 – 7:37-38. Outros capítulos exibem uma forma distintiva de construção, que sem dúvida se revelaria extremamente valiosa para os propósitos de memorizar o conteúdo. Exemplos disto podem ser achados no padrão triádico dos regulamentos para a lepra, introduzidos pela frase “Disse o SENHOR a Moisés” (Lv 13:1; 14:1, 33), ou a disposição concêntrica de proposições (palíndromo) em Levítico 24:16-22. Uma forma literária especialmente atraente é a passagem introvertida (quíastica) que ocorre em Levítico 15:2-30, que sugere uma considerável capacidade artística da parte do escritor.

AUTORIA E DATA

A composição de Levítico, juntamente com outros livros do Pentateuco, era atribuída de modo uniforme pela tradição judaica a Moisés, o legislador de Israel. Por causa da maneira segundo a qual Cristo Se associava com o cumprimento da lei (cf. Mt 5:17), a igreja cristã primitiva também sustentava a autoria mosaica da Torá ou Lei, e esta ficou sendo a posição estabelecida do cristianismo. Durante o período medieval, houve alguns escritores que atacaram os pontos de vista ortodoxos no que diz respeito à autoria e data da matéria do Pentateuco. Dessa forma, na Espanha no século X um certo Ibn Hazam de Córdoba, que na realidade era um aderente da fé islâmica, considerava que boa parte do Pentateuco, inclusive Levítico, foi composta por Esdras. Até mesmo o célebre exegeta espanhol do século XI, Ibn Ezra, sustentava que havia várias inserções posteriores no Pentateuco, embora ao mesmo tempo pudesse considerá-las compatíveis com a autoria mosaica.

Um indício daquilo que haveria de vir ocorreu no século XV, quando Andrea Bodenstein, um oponente de Martinho Lutero, sustentava que Moisés não poderia de modo algum ter composto sua própria passagem obituária em Deuteronômio 34, e argumentou, a partir daquela proposição, pela rejeição de Moisés como autor do Pentateuco inteiro,

LEVÍTICO

visto que, para ele, o corpo inteiro de leis foi escrito no mesmo estilo geral que a notícia da morte de Moisés. No século seguinte, o filósofo deísta Thomas Hobbes sustentava que Moisés viveu alguns séculos antes do aparecimento da Torá na sua forma escrita, embora aceitasse a natureza genuína daquelas passagens atribuídas a Moisés no texto. Os conceitos de Ibn Ezra foram seguidos no século XVII por outro filósofo, Benedito Spinoza, que rejeitava a autoria mosaica do Pentateuco, considerando, pelo contrário, que era o resultado de um longo processo de compilação e redação por várias gerações de escribas.

Embora escritores anteriores tivessem mencionado a possibilidade de fontes pré-mosaicas subjazerem certas porções do Pentateuco, estes pontos de vista somente começaram a ser desenvolvidos no século XVIII, quando o crescimento da crítica literária apresentou um desafio sério aos conceitos mais tradicionais. Sem empregarem quaisquer critérios objetivos como orientação, vários escritores começaram a especular acerca da natureza e do conteúdo dos documentos supostos que alegadamente subjaziam o Pentateuco na sua forma definitiva. Este processo foi começado por um médico francês, Jean Astruc, que empregava *Elohim* e *YHWH* (Javé), dois dos nomes pelos quais Deus era conhecido no Pentateuco, como base da sua análise da matéria nas suas supostas fontes.

Embora Astruc tivesse consciência dos aspectos inadequados desta abordagem, mesmo assim, ganhou favor com outros estudiosos europeus de tendências liberais, que a empregaram nos seus estudos, totalmente sem criticá-la. Um dos resultados infelizes desta situação é que o Pentateuco ficou sendo sujeitado, cada vez mais, à dissecação em fragmentos, à medida em que gerações sucessivas de estudiosos dividiam e subdividiam o texto, e atribuíam as seções resultantes ocasionalmente a uma vasta variedade de datas e compiladores. Já em 1805, quando J.S. Vater publicou um comentário sobre o Pentateuco que identificou um número da magnitude de quarenta fontes subjacentes separadas, muitos escritores crítico-literários já tinham começado a atribuir a forma final dos livros de Moisés ao período exílico, e a uma autoria diferente da de Moisés, que para muitos era, na melhor das hipóteses uma figura lendária.

No século XIX, Graf e Wellhausen adotaram os documentos sugeridos que se baseavam nos dois nomes de Deus, que tinham sido empregados como critérios para o reconhecimento das fontes, juntamente com matéria sacerdotal da qual Levítico formava uma parte relevante, com o acréscimo de Deuterônomo, como sendo as supostas origens “documentárias” do Pentateuco. À fonte “javista” foi atribuída uma data no sécu-

lo IX a.C., ao passo que o alegado documento em que ocorria o nome *Elohim* foi atribuído ao século VIII a.C. Pensava-se que Deuteronômio fora escrito nos tempos do rei Josias, que reinou de c. de 640 até 609 a.C., ao passo que Levítico e outras matérias sacerdotais eram datados no século V. a.C. Wellhausen sustinha que Levítico 17 – 26 foi acrescentado aos demais escritos sacerdotais um pouco depois do tempo de Ezequiel, ao passo que as demais passagens sacerdotais no “documento” eloísta foram acrescentadas por Esdras.¹

Não somente a fragmentação do Pentateuco em alegados “documentos” subjacentes destruiu a unidade básica da matéria narrativa, como também foi longe na direção de negar a historicidade do autor atributivo. Os aderentes no século XX da teoria crítica-literária das origens pentateuciais freqüentemente consideravam que os começos de Israel estavam, na melhor das hipóteses, envoltos em mitos e lendas, ao passo que pessoas tais como Abraão e Moisés eram consideradas completamente não-históricas pelos críticos mais radicais.

Por mais positiva e benéfica para o estudo do Antigo Testamento que esta abordagem tenha parecido aos seus seguidores, era, na realidade, marcada por falhas sérias desde seu próprio início. Aqueles que deram início ao processo o fizeram com base em um conceito especulativo que passou, então, a ser desenvolvido conforme as melhores tradições do romantismo helênico. O fato de que nenhuma tentativa foi feita para testar as idéias em epígrafe, a qualquer altura, contra aquilo que se conhecia naquele tempo acerca das técnicas de composição que subjaziam a literatura antiga do Oriente Próximo não perturbou os proponentes da teoria. Pelo contrário, puseram-se a procurar qualquer coisa que pudesse servir de evidência para sua posição, e no decurso disto, negaram ou manipularam aquelas partes do texto hebraico que pareciam adversas à posição que estavam propondo.

Por infeliz que esta atitude tenha sido, revelou-se meramente sintomática da enfermidade maior. Em essência, o problema era de método, e a situação era tanto mais irônica porque os críticos literários do século XIX jactavam-se, de tempos em tempos, da natureza fundamentalmente “científica” dos seus trabalhos. Na realidade, a ideologia romântica que formava o sustentáculo das suas especulações era a própria antítese do método científico, seja conforme era conhecido no século XIX, seja no tempo presente.

1. Para um estudo pormenorizado do desenvolvimento desta teoria ver *HIOT*, págs. 7-32.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.